

DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA NO TRABALHO DA ENFERMEIRA

DOMINATION AND RESISTENCE IN NURSING

DOMINACIÓN Y RESISTENCIA EN EL TRABAJO DE LA ENFERMERA

Silvia Maria Nóbrega-Therrien¹

RESUMO: Este estudo se propõe a investigar as formas de dominação presentes no trabalho cotidiano da enfermeira no hospital e a maneira como esta profissional lida com eles. E ainda, que processos de mediação ocorrem nas relações que produzem enfrentamentos e como elas ajudam na compreensão e transformação do seu próprio trabalho. Utiliza-se de uma metodologia qualitativa que envolve entrevistas em profundidade com 15 enfermeiros e também a análise dos documentos oficiais do COREN e do Sindicato dos Enfermeiros do Estado do Ceará. O estudo conclui que as formas de dominação não só existem, como contribuem para a reprodução de relações desiguais no trabalho e que essas relações ocorrem entre enfermeira e médico, entre os pares, entre as enfermeiras e os auxiliares de enfermagem. Em resposta a essa situação, a enfermeira vem se utilizando de mecanismos e estratégias de resistência individuais e informais, mas também formais e coletivos, esses últimos com menor frequência.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho na enfermagem, relações de poder, equipe de enfermagem

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto constitui-se de um recorte de uma tese de doutoramento e foi elaborado com o propósito de apresentar uma sistematização da construção dessa investigação realizada e dos resultados alcançados por ela. Inicialmente o artigo diz da relevância do problema objeto de investigação, indicando as questões centrais que nortearam o estudo. Posteriormente, informa, em linhas gerais, como foi construído o quadro teórico que deu apoio e sustentação às análises realizadas. Em seguida, relata o caminho metodológico percorrido e o porquê da abordagem sociológica utilizada. Por último, expõe e discute os resultados obtidos que têm por base e subsídio os dados empíricos do estudo, que se constituem, sobretudo, das falas das enfermeiras entrevistadas.

O PROBLEMA

A enfermeira apresenta uma situação de trabalho na qual as relações desiguais e conflituosas são uma constante e os sinais da existência de tais relações podem ser observados nos discursos, nas representações, na literatura e na própria prática de trabalho (sobretudo hospitalar) desse profissional.

A instauração das relações desiguais por ocasião do seu trabalho colocou em cena a dominação e estudos realizados anteriormente por Nóbrega (1991) os quais identificaram a presença de resistência, por parte da enfermeira, nas relações que envolvem a dominação.

¹ *Enfermeira, Professora Doutora do Departamento de Saúde Pública da Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará e Doutora em Sociologia pela Universidade de Salamanca, Espanha. Enfermeira da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará.*

Entendemos, então, que a prática profissional da enfermeira produz formas de conscientização e comportamentos de oposição que envolvem respostas conscientes ou semiconscientes com relação à dominação existente em seu local de trabalho e que podem levar a compreensão e/ou transformação desse mesmo trabalho².

Nesse sentido, algumas questões centrais que nos preocupavam nortearam a investigação. São elas: Que formas de dominação se encontram presentes no trabalho da enfermeira? Como ela responde diante das situações de dominação? E finalmente, que processos de mediação ocorrem nesse enfrentamento que possam ajudar na compreensão e transformação de seu próprio trabalho? Procuramos conhecer o que faz a enfermeira diante das situações identificadas, como resiste e como vive com as estruturas impostas, mas também construídas, às vezes, com sua cumplicidade.

A CONSTRUÇÃO DO QUADRO TEÓRICO

A primeira parte do estudo realizado por Nobrega-Therrien (2000) aborda a profissão e a formação da enfermeira, onde descrevemos sua evolução histórica, influenciada pelos contextos econômicos, políticos e sociais de cada época. Procuramos, nessa descrição e análise, caracterizar o sujeito enfermeira, trazendo, sempre, elementos para dar sentido à sua ação.

Em seguida, examinamos criticamente as formas de dominação presentes no trabalho cotidiano da enfermeira, como também os mecanismos que são utilizados por ela em contraposição a essas formas de dominação. A mediação e a resistência são vistas como categorias importantes para favorecer a transformação das condições e situações vividas no trabalho. A mediação surge como uma intervenção ativa do sujeito na produção de significado, identificada como um “espaço” onde a enfermeira é reconhecida como sujeito reflexivo. A compreensão das categorias usadas é baseada, dentre outros, nos seguintes autores: *Weber* (1969), *Foucault* (1990,1992), *Grignon e Passeron* (1992), *Giroux* (1986), *Appel* (1985;1994), *Enguita* (1988,1990), *Bourdieu* (1989, 1991a, 1991b), *Fenstermacher* (1988,1994), *Schon* (1983), *Therrien* (1998), *Fenstermachere Richardson* (1994).

Questionamos, com a utilização de argumentos teóricos e empíricos, “os possíveis” poderes da enfermeira, utilizados por ela contra as formas de dominação que sofre, ou ainda como exercício de dominação ou como estratégia de resistência. Abordamos a problemática do poder da enfermeira como uma categoria visível e invisível no processo de produção da prática profissional e as formas de compreensão desse poder.

A categoria trabalho fecha as análises do estudo, sendo concebida como o critério definidor do movimento de construção da resistência, que possibilita perceber as questões anteriores (dominação, resistência e poder) em seu movimento. Nesse espaço, o estudo, adquire uma especial importância, uma vez que possibilita aprofundar as análises das categorias estudadas, buscando captar no trabalho da enfermeira dentro do hospital, o sentido e a produção da resistência. O trabalho também é percebido como mecanismo/estratégia capaz de gerar transformação na prática profissional.

Neste estudo, a categoria **dominação** significa relações sociais de grupo ou classe que ligam os sujeitos na desigualdade de forças e na hierarquia de posições. A **mediação** é compreendida como a esfera da consciência e da reflexibilidade existentes antes mesmo do ato da decisão e da ação. A **resistência** significa todas as estratégias utilizadas pelas enfermeiras

² No contexto da investigação em pauta, foram concebidos como lugar da dominação mas também como lugar das contínuas resistências, o Hospital, a ordem institucional, o aspecto estrutural (FOUCAULT, 1990). A estrutura e a atividade humana se encontram nesse espaço, mas não são compreendidas como um ponto em que a estrutura venha a dominar a atividade humana (WILLS, 1986, APPEL, 1994, ENGUITA, 1990).

para escapar da ação direta dos mecanismos de dominação. O **poder** é compreendido como uma estratégia de mediação usado pela enfermeira para a resistência e transformação de seu trabalho. Finalmente, a categoria **trabalho** é o lugar da produção da mediação, reprodução das relações de dominação e resistência assim como da transformação dessas mesmas relações.

Essas categorias foram estudadas em situações distintas: em materiais escritos significativos e em entrevistas. O estudo conta também com a utilização de uma literatura com abertura de horizontes mais amplos, razão de sua heterogeneidade (pluralidade), no sentido de enriquecer as discussões e análises, numa perspectiva de multireferencialidade que ultrapassa a abordagem de um paradigma epistemológico único.

A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O estudo foi construído a partir dos discursos das enfermeiras sobre um objeto real: sua prática cotidiana e o lugar onde esta ocorre, o hospital. Utilizamos, preferencialmente, uma metodologia qualitativa de investigação.

As técnicas utilizadas para a obtenção da informação foram a entrevista em profundidade e a análise dos dados existentes nos documentos oficiais do Conselho Regional de Enfermagem do Ceará e do Sindicato dos Enfermeiros do Estado do Ceará. A amostra contou com um total de 15 enfermeiras. Foram estabelecidos como critérios para se constituir a amostra: enfermeiras com uma larga experiência profissional, de mais de 10 anos, sobretudo na área hospitalar, na cidade de Fortaleza; com experiência em cargos de direção e gestão em unidades de saúde; com prática no ato de cuidar. Utilizamos a estratégia de saturação para aferir a amostra (GLASER; STRAUSS, 1967).

A intenção ao concebermos a amostra foi a de estabelecer sua existência e relação com as categorias (dominação, resistência e poder). A experiência de assistência e gestão pode indicar uma compreensão mais ampla, por parte dos sujeitos, sobre sua função/profissão. A prática da gestão, identificada como uma variável interveniente e como um espaço onde as enfermeiras adquirem também experiência, traz, por sua vez, outros elementos que contribuem para as análises das categorias de dominação, resistência e poder.

A abordagem sociológica utilizada na pesquisa viabilizou a intenção de empreender uma olhada epistemológica sobre a realidade de uma prática social, com a utilização de elementos de análise dessa área; ao mesmo tempo, permitiu ampliar e enriquecer a compreensão do problema do estudo

CONCLUSÕES

Com base nas falas das enfermeiras entrevistadas, podemos tecer, em cinco tópicos, considerações sobre as conclusões do estudo que surgem como sínteses inacabadas, como processos, que refletem resultados gerais e pertinentes.

Com relação às categorias de dominação e resistência

- As relações entre as enfermeiras e os médicos se configuram como de dependência e submissão, mais do que uma relação que envolve participação e cooperação;
- essas relações indicam condições ideais e muito freqüentes para desarmonia, insatisfação, conflitos, dominação e resistência;
- as formas de dominação existem e contribuem para a reprodução das relações desiguais entre enfermeira e médico, nas relações entre enfermeiras e nas relações entre enfermeiras e as auxiliares de enfermagem;
- as enfermeiras lidam com as interações que envolvem a dominação de modo consciente

e crítico, mas em grande parte ainda através de reações inconscientes ou acríicas;

- o hospital não é uma estrutura passiva, mas uma força ativa que serve também para legitimar as desigualdades dessas relações;

- a enfermeira utiliza mecanismos e estratégias de resistência não só individuais e informais, como também formais e coletivos, em contraposição às relações de dominação existentes em seu trabalho;

- as resistências individuais e informais estão relacionadas com as atitudes que envolvem a omissão, acomodação, adesão e inovação por parte das enfermeiras. Essas atitudes são consideradas por elas como resistência, ainda que negativa;

- as resistências individuais e informais têm uma grande relevância para a prática profissional, pois vão minando as estruturas e as relações de dominação, criando os conflitos e abrindo espaços potenciadores de mudanças;

- as resistências formais e coletivas estão relacionadas com a formação de alianças, denúncias, manifestações e greves;

- o ato de denunciar, por parte da enfermeira, configura uma prática formalizada de não aceitação ou rechaço das situações e/ou condições de trabalho encontradas principalmente nos hospitais;

- o Sindicato foi o órgão que mais denúncias recebeu. As denúncias relacionadas com as questões laborais são as mais numerosas;

A mediação: a enfermeira como sujeito reflexivo

- a reflexão por parte da enfermeira existe e se apoia em uma racionalidade interativa que vai além da própria ação instrumental;

- a enfermeira se apropria dos elementos de sua prática, através das condições concretas de trabalho, reflete sobre os mesmos e constrói suas formas de resistência;

- a forma como ela resiste está determinada, em parte, por sua percepção;

- a enfermeira não seleciona as formas ou as condições nas quais realiza seu trabalho e tampouco pode escolher, muitas vezes, como realizá-lo;

- no entanto, sempre existirá o caráter ativo de sua decisão, porque poderá prever sua ação, identificar problemas e atuar, resistir de diversas formas possíveis, ainda que dentro de certos limites;

- o êxito dessas negociações vem determinado pelas relações de força entre os grupos, pelas limitações estruturais e pelos processos de seleção que se manifestam em suas vidas;

- a resistência sempre contará com as características da prática de cada enfermeira dentro dos parâmetros que lhe são oferecidos e dentro dos quais ela tem sido socializada e formada profissionalmente. Ai se encontra a diferença entre uma ação política transformadora e não puramente adaptativa.

A questão de gênero

- a enfermeira, por ser de uma profissão eminentemente feminina, defronta-se com a questão de gênero que configura e determina uma análise de conteúdos distintos ou próprios, pela só razão de seu sexo;

- a variável gênero, ainda que diante das mudanças estruturais ocorridas nas últimas décadas, ainda reduz, mais que amplia, as perspectivas de vida e trabalho das mulheres e por extensão das enfermeiras.

O trabalho: lugar onde a resistência ocorre

- a enfermeira resiste em um local que pré-determina o sentido e a direção de sua ação: uma instituição de saúde, com normas de funcionamento e regulamentos dirigidos por uma política de saúde estatal ou privada;
- o trabalho de enfermagem não se desenvolve só através de mecanismos de reprodução; há espaços e alternativas para sua transformação, através da ação reflexionada;
- essa ação ocorre porque há um espaço de autonomia na prática da enfermeira, ainda que limitado;
- o espaço onde o trabalho se desenvolve é o lugar por excelência de transformação do próprio trabalho;
- essa transformação é identificada concretamente nas alianças, denúncias, manifestações e greves;
- a enfermeira resiste, mais em busca de adaptação e equilíbrio do que de transformação significativa do seu trabalho;

O poder da enfermeira: uma categoria importante para as transformações do trabalho

- existe, nos sujeitos entrevistados, uma consciência das relações de poder que se estabelecem por ocasião do trabalho;
- a compreensão do poder pela enfermeira ocorre de forma variada, existindo uma flexibilidade quanto ao significado que reveste esse entendimento;
- é identificado, nos discursos, uma visão estreita e limitada de poder. Com menor frequência, o poder envolve uma consciência ou uma visão política e de resistência;
- existe o entendimento de que, nas instituições de saúde, os grupos dominantes têm tentado determinar a extensão de participação da enfermeira;
- o caminho de compreensão do poder, sua crítica, a percepção de seus momentos de força e debilidade, a captação dos movimentos do jogo são questões/situações que se identificam na prática cotidiana da enfermeira no hospital;
- a consciência do poder e a compreensão de que este deve ser sempre restabelecido continuamente não são ainda compreensíveis para a profissão de enfermagem em sua totalidade;
- o poder é definido ou compreendido como poder de curar, da autoridade do cargo, do tempo de permanência no trabalho, também como mecanismo a ser utilizado na luta, como uma capacidade de resistência organizada e articulada;
- no Ceará, as enfermeiras, diante de uma medicina que tem evoluído e de novos esquemas que se têm diversificado e estratificado, se encontram com funções e tarefas muito distintas, assim como posições muito desiguais ante o poder.

Foi percebido que a categoria da dominação se materializa em ações visíveis e há efeitos diretos que evidenciam a instauração de uma relação desigual que pode ser observada nos discursos das enfermeiras. A instauração dessa relação faz com que a enfermeira apresente uma dualidade de comportamentos diferenciados. **Quando é dominada** (pelos médicos e/ou seus pares), ela evita conflitos, responde com paciência, busca diálogo, utiliza o conhecimento, escolhe o setor de trabalho. **Quando domina** (seus pares e/ou as auxiliares de enfermagem), utiliza autoridade, norma, rotina, escala, punição, troca de setor, transferência, persuasão e/ou diálogo.

Identificamos também que as diversas facetas da natureza da resistência são desveladas nos discursos das enfermeiras a partir de sua percepção e compreensão dessa categoria quando articulada à sua prática cotidiana de trabalho. A compreensão de sua natureza tem suporte na racionalidade que mescla os elementos já assinalados, os quais terminam por

caracterizar parte da identidade profissional desses sujeitos enquanto enfermeiras e por comprovar sua ação enquanto sujeito reflexivo. Aquele sujeito que, quando questionado sobre como responde às situações de conflito ou sobre o que faz para estar bem com o seu trabalho, sabe argumentar e apresentar elementos que motivam sua compreensão e ação. Em suas falas, percebemos as razões práticas vinculadas às suas percepções, experiências, concepções teóricas, certezas, aos seus valores, saberes... que fundamentam suas respostas.

Por último, é importante sinalizar que podemos chegar a nos dar conta de que, por meio da mediação e da resistência, os limites impostos a esta profissão de enfermeira estão, há muito tempo sendo contestados e este estudo é uma contestação, **pois narrar é uma forma de resistir.**

ABSTRACT: This study aims to investigate the forms of domination which are present in the daily work of hospital nurses and the way they handle these occurrences, as well as the types of mediating processes which occur within relationships which produce confrontation and the way these help them to comprehend and transform their own work.. A qualitative methodology was used which included indepth interviews with 15 nurses, as well as analysis of official documents from both the Regional Council of Nurses and the Nurses' Union from the state of Ceará. The study concluded that forms of domination not only exist but also contribute to the reproduction of unequal relationships on the job, and that these relationships occur between nurses and doctors, between peers and between nurses and auxiliary personnel. Responding to this situation, nurses have been utilizing individual and informal resistance mechanisms and strategies, but also formal and collective resistance strategies have been used, these latter less frequently.

KEYWORDS: nurses, work, resistance, profession

RESUMEN: Es un estudio que plantea la cuestión de la dominación, cuáles son las formas de dominación que están presentes en el trabajo cotidiano de la enfermera y cómo la enfermera se maneja con ellas. Aún, qué procesos de mediación ocurren en ese enfrentamiento que ayudan a la comprensión y transformación de su propio trabajo. El estudio se basó en las entrevistas hechas en profundidad a 15 enfermeras y también utiliza los datos presentes en los documentos oficiales del COREN y Sindicato de los Enfermeros de Ceará. El estudio indica que las formas de dominación no sólo existen, como contribuyen para la reproducción de relaciones desiguales en el trabajo de la enfermera y que ocurren, en buena parte, entre enfermera y médico. Sin embargo, también están presentes en las relaciones con sus pares y los auxiliares de salud. La enfermera, en respuesta a esa situación, viene utilizando mecanismos y estrategias de resistencia individuales e informales, pero también formales y colectivos, estos últimos con menos frecuencia.

PALABRAS CLAVE: enfermera, trabajo, resistencia, profesión.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPEL, M. W. *Educación y poder*. Barcelona: Paidós, 1994.

_____. El marxismo y el estudio reciente de la educación. *Revista Educación y Sociedad*, Madrid, n.4, p. 33-51, 1985.

BOURDIEU, P. *La distinción: criterio y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus, 1991a.

_____. *El sentido práctico*. Madrid: Taurus, 1991b.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

ENGUITA, M. F. Reprodução, contradição, estrutura social e atividade humana na educação. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 1, p. 108-133, 1990.

_____. El rechazo escolar: alternativa o trampa social. *Revista Política y Sociedad*, Madrid, n. 1, p. 23-35, 1988.

FENSTERMACHER, G.D. The place of science and epistemology in Schon's conception of reflective practice. In: GRIMMETT, P.P.; ERICKSON, G.L. *Reflection in teacher education*. New York: Teachers College Press, 1988. p. 36-46

FENSTERMACHER, G.D.; RICHARDSON, V. L'explicitation et la reconstruction des arguments pratiques dans l'enseignement. *Cahiers de la recherche en éducation*. v.1, n.1, p. 157-181, 1994.

FOUCAULT, M. *Microfísica del poder*. 3. ed. Madrid: La Piqueta, 1992.

_____. *Microfísica do Poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

GIROUX, H. *Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução*. Petropolis: Vozes, 1986.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. *The discovery of grounded theory*. Chicago: Aldine, 1967.

GRIGNON, C. y PASSERON, J. *Lo culto y lo popular: miserabilismo y populismo en sociología y en literatura*. Madrid: La Piqueta, 1992.

NÓBREGA, S. M. S. Enfermagem: a pratica da profissão e a ideologia da submissão. *Revista Lumen ad Viam*. UECE, n 2. p. 167-197, jul./dez. 1991.

NÓBREGA-TERRIEN. *Enfermera, trabajo y resistencia: el significado de la esperanza. El caso del Ceará, Brasil*. Salamanca, 2000. 382 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Salamanca, Espanha.

SCHÖN, D. A. *Les praticien réflexif: à la recherche du savoir caché dans l'agir professionnel*. Montreal: Editions Longiques, 1983.

TERRIEN, J. *Como os docentes produzem a sua profissão*. Fortaleza, 1998. 120 p. Tese (Professor Titular) - Faculdade de Educação - Universidade Federal do Ceará.

WEBER, M. *Economia y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. España-Madrid: Editora del Fondo de Cultura Económica, 1969.

WILLS, P. Producción cultural y teorías de la reproducción. *Revista Educación y Sociedad*, Madrid, n. 5, p. 7-34, 1986.

Recebido em novembro de 2000
Aprovado em julho de 2001